

AG, 1.1.843-1

REYNALDO KUNTZ BUSCH

ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA GORDO

ESBOÇO BIOGRÁFICO

Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

VOLUME LXVII

SÃO PAULO

1970

Do Eng. Alberto da Silva Gordo,
homenagem do autor
27/8/70
Reynaldo Kuntz Busch

ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA GORDO

ESBOÇO BIOGRÁFICO

Reynaldo Kuntz Busch

Na história das cidades de Limeira e Piracicaba houve uma personalidade de atuação marcante na política, na agricultura e nas finanças. Foi Antônio José da Silva Gordo, tronco de destacada e tradicional família paulista. Merecem registros alguns episódios venturosos já desde sua infância.

Menino de 11 anos, residia com seus pais no Pôrto. Espírito sonhador, e de temperamento rebelde, sob os primeiros lampejos físico-psíquicos da adolescência, era contrafeito que ajudava o pai na horticultura. Certo dia praticara séria desobediência, pelo que seu progenitor, português severo, aplicou-lhe duro castigo físico. Desgarrando-se a custo da forçada mão paterna, saiu correndo e gritando: "Vou-me embora para sempre!... E um dia te mostrarei quem eu sou!"

Isso deu-se em uma tarde de verão de 1816. Debulhado em lágrimas, soluçando, agitado, o Antônio José correu para o cais do pôrto, onde gostava de ir assistir a partida de veleiros. Veio-lhe à mente a idéia de uma aventura pelo mar, o que já vinha cultivando nos seus devaneios. Havia ali um veleiro prestes a partir para o Brasil. Não estava provido nem de roupa. No bôlso o pobrezinho não tinha um só real. Mas seu estado de alma era de revolta contra o extremo rigor paterno. Isso e a ânsia de aventura dinamizaram a idéia da viagem marítima, impelindo-o ao arrojado lance. Embarcou sorrateiramente, escondendo-se entre pipas de vinho e barricas de bacalhau. Ouviu, logo depois, tremendo de medo, o toque do sino anunciando a partida. Ouviu os gritos do comandante... Sentiu os primeiros sacolejos do navio sob muita emoção. Todo o corpo se lhe arrepiava naquele transe psíquico. Chorou muito e baixinho. Pediu a Santo Antônio que o protegesse e ajudasse naquela aventura. E assim, de cócoras, semi-sentado, recostou-se entre dois barrís e adormeceu. Acordou de pernas doídas já alta madrugada, depois de um pesadêlo, assustado e confuso. É que sonhara com um naufrágio, estando prêso pelas pernas, mas logo se apercebera de que a nau singrava o



Antonio José da Silva Gordo com seu filho Adolfo Afonso, em 1860

mar tranquilamente. Ficou em vigília até o amanhecer, ouvindo o rumor das águas esbatendo no costado. De vez em vez, levantava a cabeça e via o mar ondeado e infindo...

De manhã deixou-se ver. Foi logo agarrado e levado ao Capitão; este, entre enérgico e indulgente, interrogou-o minuciosamente. Por fim disse-lhe: "A esta altura não há remédio... Terás de ir como clandestino ao Brasil. No Rio de Janeiro te entregarei à polícia como fujão e clandestino. Porém, durante a viagem terás trabalho de bordo como se fosses um marinheiro".

Antônio José sentia-se aliviado pela passagem daqueles momentos angustiosos. Inteligente e vivaz, suportou com paciência os maus tratos, mostrando-se sempre trabalhador e afável com os marinheiros e auxiliares de bordo. Dessa forma, em dois meses de travessia por mar tranquilo, foi conquistando a pouco e pouco a simpatia de todos na aventurada viagem.

No Rio contou com a indulgência da polícia, a cuja autoridade pediu que escrevesse a seu pai relatando o acontecido, pedindo perdão mas dizendo-se muito feliz...

Levaram-no a um comerciante português natural do Pôrto, que logo o empregou, vestiu-o, tomando-se de simpatia pelo corajoso rapagote. Conhecendo-lhe logo a força de vontade para aprender a ler, deu-lhe escola. Em pouco tempo o caixeiro-estudante capacitou-se a fazer registros das vendas fiadas no costeiro e a garatujar assentamentos no livro caixa, a escrever pequenas cartas para o patrão. Este não teve dúvida em custear-lhe um curso prático de guarda-livros, que o rapaz aproveitou no máximo, tornando-se em poucos meses habilitado para assumir o controle dos negócios e da escrita de uma casa comercial.

Eis senão quando aparece no Rio um antigo freguês, de Itú — o fazendeiro Caetano José Gomes Carneiro, que procurava pessoa capaz e de confiança para seu auxiliar na administração do seu engenho *Benfica*. Para não desagradar seu ótimo freguês, que vira em Antônio José o homem desejado e com ele já se entendera, não só concordou em cedê-lo, mas abonou plenamente sua conduta e habilitação. Dias depois o mocinho gorduchinho viajava com o sr. Caetano, como seu empregado, para a sedutora terra paulista. Inteligente, dedicado, ativo, logo se impôs como eficiente administrador da fazenda-engenho *Benfica*. Estava feito e bem remunerado. Os dias corriam-lhe trabalhosos e felizes... É que começou a lançar olhares furtivos e discretamente correspondidos para a filha do patrão. Daí para um precipitado pedido de noivado foi zaz traz. Surprêso com o pedido audacioso, o sr. Caetano recusou. Foi uma tábua vinda do alto... É que a jovem já estava palavreada para casar-se com o viúvo Major Dias Ferraz. Frustrado neste sonho, zangou-se, ficou amuado e buscava uma fuga do ambiente. De repente noticiam-lhe em Itú que o impor-

tante sesmeiro Brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão estava abrindo grande lavoura em ricas terras na encosta do Morro Azul da Limeira e procurava um administrador capaz. Propôs-se-lhe e foi logo aceito. Corria o ano de 1821 e o Antônio José, bem apessoado, de físico robusto, extrovertido, vivaz, operoso, administrava a sesmaria do Brigadeiro, comandando 64 escravos e produzindo no ano seguinte 700 alqueires de milho, 203 de arroz, 107 de feijão, além de fazer plantação de cana para o engenho em montagem (V. História de Limeira pág. 40). O Brigadeiro não se cansava de elogiá-lo. A mandado dêste, dirigiu o trabalho de 20 escravos na abertura da picada e da primeira estrada do Morro Azul à margem do rio Jaguarí, na direção de Campinas. Foi esta estrada superintendida por José Joaquim de Sampaio que motivou o nascimento à sua margem do povoado mais tarde sede da Freguesia de N. S. das Dôres da Limeira.

Um acontecimento inesperado e lutuoso: falece em 1827 o grande fazendeiro e vizinho Cap. Manoel Ferraz de Campos, amigo de estreita convivência do Brigadeiro. O administrador José Gordo (apelido que lhe davam para distingui-lo de um homônimo, que era magro) prestou dedicada assistência à família até na orientação administrativa da fazenda.

Passa-se algum tempo, mantendo José Gordo relações de amizade com a viúva Ferraz de Campos. Prestativo, obsequioso e insinuante, começou a cortejar a jovem Ana Cândida Ferraz. Logo manifesta-se diretamente à viúva. D.^a Francisca de Assis Leite Negreiros, ainda môça trintona, com a finura e a franquesa que a caracterizavam, responde-lhe: “Estimado Senhor. com a Aninha, não; é criança, ainda não completou 15 anos. Mas se quiser casar comigo, vamos conversar... Ainda sou môça, tenho filhos a criar e esta fazenda para tocar. Eu preciso de um marido capaz e expedito. O Senhor é a pessoa que tem as qualidades que desejo”.

José Gordo não se desapontou e mostrou-se cordato... — “Reconheço que a menina é novinha... e a Senhora ainda é môça, pode e deve casar de nôvo. Se está me achando assim merecedor de entrar na sua família, vamos nos entender... E assim, lá por 1829, Antônio José da Silva Gordo contraía núpcias com a viúva D.^a Francisca de Assis Negreiros, tornando-se padrazto de Ana Cândida, Francisco, João, Joaquina, Jesuína e Maria Ferraz de Campos, cunhado do Capitão-Mór de Piracicaba, Estevão Cardoso de Negreiros. Daí em diante projetou-se cada vez mais socialmente no meio dos grandes lavradores de Limeira, Rio Claro e Piracicaba. Em 1830 nasceu-lhe a primeira filha — Mariana S. Gordo. Logo depois é nomeado 1.^o juiz de paz de Limeira. Em 1832, participa, ao lado do dr. Nicolau P. de Campos Vergueiro, de Bento Manoel de Barros (futuro Barão de Campinas), do

Alferes Joaquim Franco de Camargo e do Capitão-Mór Estevão Cardoso de Negreiros, da Comissão de Limites entre as freguesias de Limeira e Rio Claro e as vilas de Moji-Mirim e Piracicaba (Constituição). Em 1833 incorpora-se como soldado da 1.^a Guarda Nacional de Limeira. De 1835 a 37 serve de inventariante do espólio do seu patrício, conterrâneo e amigo Cap. Luiz Manoel da Cunha Bastos, doador do patrimônio de um quarto de légua em quadra à Capela de N. S. das Dôres da Limeira, assassinado traiçoeiramente no seu Engenho do Tatú. A 20 de setembro de 1837 conduz ao altar da Matriz de Limeira sua enteada Ana Cândida Ferraz para convolar núpcias com o campineiro Francisco de Paula Sales, de cujo casal nascia no ano seguinte, em Campinas, o menino Manoel Ferraz de Campos Sales, a quem o futuro reservou brilhante carreira política: orador que arrebatava auditórios, republicano de primeira linha, abolicionista destemido, líder democrata, deputado, presidente de São Paulo e da República, revelando-se neste alto pôsto um estadista de pulso firme e inolvidável restaurador das finanças brasileiras.

Como integrante do Partido Liberal, em 1842, Silva Gordo aderiu à Revolução de São Paulo chefiada pelo Brigadeiro Tobias e pelo Padre Feijó, tendo organizado e comandado um pelotão de 50 homens, como Tenente, que marchou para juntar-se em Venda Grande às fôrças rebeldes que enfrentariam as de Caxias. Mas, ao chegar a êsse reduto de concentração, sofreu inopinado ataque das fôrças imperiais aí comandadas pelo Tte. Cel. Bezerra Amorim, que desbaratou os pelotões aí em organização. Então, o Tte. Boava Gordo (apelido militar) montado em sua besta ruana, disparou em fuga à busca de esconderijo, em companhia de alguns. Lograram homiziar-se na *Fazenda Sobrado*, próxima a Pôrto Martins. Segundo registra a "Gazeta de Piracicaba" de 6 de maio de 1897, biografando o político-soldado de 42, "causou alí (F. Sobrado) estranheza a linguagem desbragada, cheia de espírito e vivacidade que se ouvia de um deles, o Boava Gordo, como todos os chamavam". Porém nessa fazenda pouco se demoraram. O Tenente tomou o rumo de Piracicaba e "ocultou-se na chácara de João Morato de Carvalho, onde administrava o seu compadre Manoel da Rocha Garcia, o qual a seu turno era pessoa querida do chefe conservador Antônio Fiuza de Almeida. Êste tendo ciência das arbitrariedades do oficial Butiá (chefe da captura dos rebeldes), "por intermédio do Marquês de Monte Alegre, obteve do General Caxias ordem para que a fôrça do govêrno, enquanto aqui (Piracicaba) estivesse em diligência, estivesse sob seu comando". Sabendo das disposições de Butiá de dar cerco à chacara de João Morato e ali prender Boava Gordo e seu companheiro Severiano, o administrador Garcia avisou-os e porisso êles foram pernoitar em lugar diverso. E nem aí se julgando garan-

tidos, Boava Gordo pintou o rosto, mãos, pés e pernas de carvão, meteu-se numa roupa de escrava e foi com outra escrava pela rua para a casa do chefe conservador sr. Fiuza, iludindo a vigilância policial e entrando atabalhoadamente...

D.^a Rita, senhora do Fiuza, que estava sentada na rêde, vendo-o daquele jeito, sobressaltada indagou: — “Que significa isso seu Gordo?”

— “Estou sendo perseguido ferozmente e peço-lhe a caridade de me esconder. Eu e seu marido temos sido adversários políticos, mas somos compadres e amigos. Salva-me a vida por amor de N. S. das Dôres! Esconda-me!”

A bondosa comadre abriu o alçapão da adega e disse-lhe: — “Entre aqui maluco, e fique calado”. E logo cobriu a tampa com couro de boi.

Um minuto depois entrava Fiuza com o oficial Butiá, êste dizendo:

— “Sinto muito ainda não ter apanhado o barrigudo Tenente Boava. Quero mostrar-lhe, com esta vuasca, como é bom ser rebelde contra o Imperador!”

— “Como lhe disse, êle aqui não apareceu. Se vier aqui, eu como chefe conservador mandarei amarrar aquêle gorducho liberal, covarde, palrador, boca-livre, caça-viúva, negreiro, para entregar em suas mãos...”

Boava Gordo ouviu tudo mudo e remordendo-se de raiva. Por fim cochichava para si mesmo: — “Mas um homem da minha posição ter de passar por tantas aflições e humilhações... Vá para o diabo a revolução!”

Uma hora depois, quando Butiá estava longe, Fiuza abriu o alçapão e soltou o compadre liberal, sorrindo irônicamente...

Desfigurado e espirrando pelo mau cheiro da adéga, José Gordo disse-lhes: — “Nunca mais me esquecerei da bondade e presteza da comadre para esconder-me. Nossa Senhora que a recompense! Agora, compadre Fiuza, permite-me dizer: Tu exageraste demais as minhas qualidades...”

* * *

Logo começou o apaziguamento geral na Província e em 1844 o Imperador D. Pedro II baixou decreto de anistia geral.

A 22 de julho de 1844 era instalada festivamente a Câmara Municipal da Vila da Limeira, sob a presidência do vereador mais velho — Cap. Manoel José de Carvalho, que já havia prestado juramento perante a Câmara de Piracicaba. Prestaram juramento os primeiros vereadores eleitos: Antônio José da Silva Gordo, Antônio Luiz da Rocha Camargo, Rafael Antônio de Sampáio, Antônio Alves de Almeida Lima e José Pedroso do Amaral. O tenente Boava, derrotado e perseguido como rebelde de 42, ficou para trás, para reaparecer o fazendeiro conceituado e polí-

tico liberal de prestígio na honrosa roupagem de vereador da Vila de Limeira. No ano seguinte foi elevado por seus pares à presidência da Câmara Municipal de Limeira, desenvolvendo atuação valiosa em prol do progresso do município. A partir de 1847 cessam as atividades políticas de A. J. da Silva Gordo em Limeira. Não figura na relação de proprietários rurais do município de Limeira, baseada em registros feitos obrigatoriamente nos termos da Lei n.º 601 de 18 de setembro de 1850. Nêsse interregno êle teria se enviuvado de D.^a Francisca de Assis Negreiros, logo depois vendido a fazenda na encosta do Morro Azul e comprado outra em Rio das Pedras — a fazenda *Bom Jardim* — que êle, efficientíssimo lavrador, em poucos anos transformou numa das mais prósperas propriedades agrícolas do município de Piracicaba. Então já era Tte. Cel. da Guarda Nacional e político de alto prestígio, com residência palaciana nesta última cidade.

* * *

Primeiro Consórcio

Do seu primeiro consórcio com D.^a Francisca de Assis Negreiros Leite, nasceram-lhe três filhos: 1.º) Mariana da Silva Gordo, casada com o coronel Carlos de Arruda Botelho, com geração. 2.º) Antônio José da Silva Gordo Filho, nascido em Limeira, a 24 de novembro de 1831 e casado, em 1850, com Maria Ferraz de Barros. Dêste casal nasceram: Antônio José da Silva Gordo Neto, casado em 1872 com Maria Amélia Galvão de Almeida, de que nasceram (bisnetos): Flávia da Silva Gordo, casada com Antônio do Amaral Campos, de Tatuí; Ana, Maria Augusta e Francisca de Assis da Silva Gordo, tôdas solteiras; Mariana da Silva Gordo, casada com João da Silveira Bueno, de Jaú, pai de 6 filhos; Luiz Gonzaga da Silva Gordo, nosso principal informante, residente em S. Paulo, nascido em Jaú a 30 de janeiro de 1894, casado em primeiras núpcias com Maria da Conceição de Almeida Prado, sem filhos; em segundo consórcio, com Alice Ferraz Sampáio, de Capivarí, pais que são de: (geração de trisnetos) Maria Amélia da Silva Gordo, professôra, casada com Antônio Marcondes; Antônio José da Silva Gordo, alto funcionário da Assembléia Legislativa, servindo de auxiliar do Gabinete do Prefeito Municipal, nascido em Itapuí, em 1923, casado com Maria de Arruda Galvão, pai de 3 filhos: (tetraneos) Antônio José, Luiz Antônio e Marcos Antônio da Silva Gordo; Antônia da Silva Gordo, nascida em Jaú, funcionária da Secretaria da Viação de São Paulo; João da Silva Gordo, nascido em Pederneiras, 1927, funcionário do Banco Bandeirantes, e Alice da Silva Gordo, nascida em Pederneiras, 1930, casada com seu primo dr. Caio Amaral Filho, de Itapuí, nascido em 1922, cirurgião-dentista em São Paulo, pai de: Maria Beatriz, Caio e Paulo da Silva Gordo Amaral. 3.º filho — José Antônio

da Silva Gordo, nascido em Piracicaba, faleceu aos 25 anos no Rio de Janeiro, na véspera da formatura como engenheiro militar. 4.º filho — Ana Miquelina da Silva Gordo, nascida em Piracicaba, casada com seu primo José Galvão de Almeida, pai de 4 filhos: Joaquim Galvão e Maria Harminta, falecidos, solteiros e Ana Eulina e José Galvão de Almeida Júnior. 5.º filho — Francisca da Silva Gordo, nascida gêmea com Antônia, a seguinte, em Piracicaba a 17 de junho de 1851, casada, primeiramente, com Cláudio Furquim de Almeida Prado, em 1875, dos quais nasceram 9 filhos; enviuvando-se casou-se com o primo do 1.º marido, José Lourenço de Almeida Prado, em 1900, de que nasceram mais 3 filhos. Os 9 primeiros foram: Maria das Dôres, casada com Amador de Paula Leite de Barros, pai de 16 filhos, todos de alto destaque social, de que citamos apenas Izabel de Almeida Barrios Pompe, casada com nosso colega de turma de Faculdade de Medicina dr. Guilherme Barrios Pompe; 2.º Tharcila de Almeida Sampáio, casada com Olavo Pacheco de Almeida Sampáio, lavrador em Limeira, Jaú e Bocaina, pais da rica prole de 17 filhos constituintes de destacadas famílias Almeida Sampáio, Ferreira da Rosa e Sampáio Mendonça; 3.º Escolástica, menor falecida; 4.º Izaltina de Almeida Prado Fraga, casada com o Major Antônio Gonçalves Fraga, pais de viçosa prole de 14 filhos; 5.º Umbelina de Almeida Prado, casada com João Alves Carneiro; 6.º e 7.º Zulmira e Maria, falecidas na infância; 8.º Francisco de Paula Almeida Prado Neto, casado com Neith Borges, pai de 4 filhos; 9.º Antônio José, menor, falecido, e último filho do 1.º consórcio de Francisca da Silva Gordo; 10.º Aracy, falecida na infância; 11.º João Lourenço de Almeida Prado, soldado do Batalhão Romão Gomes, de 1932, casado com Alice Prado Browne, e 12.º Antônia Prado Galvão de França, casada com Francisco Galvão de França, com 10 filhos. 6.º filho, Antônia da Silva Gordo, gêmea com Francisca, casada com Lourenço Avelino de Almeida Prado, de Indaiatuba, nascido a 18 de maio de 1848 e falecido em 1928, pais de Maria Hermantina de Almeida Prado (bisneta), nascida em Jaú em 1876 e casada em 1898 com seu tio João Adelino de Almeida Prado, de que nasceram 12 filhos (trisetos) a seguir nomeados: 1.º dr. Sebastião Adelino de Almeida Prado, natural de Jaú, de 1894, bacharel em direito pela Faculdade de São Paulo, comerciante e presidente da Bôlsa Oficial do Café de Santos, vereador municipal e diretor de grandes companhias de exportação e de seguros, foi casado três vezes: a primeira com Clara Saraiva de Souza Dantas, falecida em 1925; a segunda, com Ana Luiza de Arruda Botelho, de Campinas, falecida em 1942; a terceira vez com Zaida Palmeiro Lopes, de família do Rio Grande do Sul. Faleceu em 1955, deixando 4 filhos, sendo 2 do primeiro e 2 do segundo enlace: dr. João Adelino de Almeida Prado, casado

com Helena L. Pacheco e Silva; Sebastião Adelino de Almeida Prado, Ana Luiza de Almeida Prado e Maria Stela de Almeida Prado. 2.º Francisco Adelino de Almeida Prado, foi tabelião em Garças, faleceu em 1940. 3.º José Adelino de Almeida Prado, comerciário em Santos e soldado constitucionalista de 32, casado com Inês Benevides de Resende, pai de 5 filhos. 4.º Maria da Conceição de Almeida Prado, casada com dr. Luiz de Vasconcelos Camargo, bacharel em direito, delegado de polícia em várias cidades, sem geração. 5.º dr. Antônio Adelino de Almeida Prado, médico-cirurgião da Santa Casa de São Paulo, casado com sua prima Ana Heloisa de Almeida Prado, pai de João Adelino e de Maria Luiza de Almeida Prado. 6.º Lourenço Avelino de Almeida Prado Neto, casado com Maria Prado Líra, pai de 4 filhos. 7.º dr. Adelino de Almeida Prado, engenheiro, delegado técnico das forças constitucionalistas em Igarapava, 1932. 8.º Rita de Cássia de Almeida Prado, casada com Fausto Bueno Galvão, pais de 2 filhos. 9.º Cláudio Adelino, falecido menor. 10.º dr. Mário Adelino de Almeida Prado, soldado constitucionalista de 32, em Grupiara e Ilha Grande, bacharel em direito e advogado do Banco do Estado. 11.º João Adelino, faleceu solteiro. 12.º Maria Hermantina de Almeida Prado, professora, casada com José Luiz Bayeux.

3º filho do casal A. J. da Silva Gordo — F. A. Negreiros Leite — José Antônio da Silva Gordo, casado com Lucrécia Alves Ferreira, de que nasceram 4 filhos: Francisca, Josephina, Ana e José da Silva Gordo.

Francisca foi casada com Francisco Antônio de Sales, sem geração.

José da Silva Gordo foi casado com Elvira Gardner, filha de Thomas Gardner, comerciante em Santos, de que nasceram (geração de bisnetos) 2 filhos: 1º Abigail da Silva Gordo, casada com Eurico L. Pereira de Campos Vergueiro, pais de (geração de trisnetos) dois filhos:

Nilo Gordo Vergueiro, casado com Andréia Simões, pais de José Maria Simões de Vergueiro (quadrineto).

Plínio Gordo Vergueiro, infortunado sobrinho... do Senador Cesar Vergueiro, político paulista de grande projeção.

2º José da Silva Gordo (Juquinha) casado com sua prima Carolina Nardy, neta de Mariana da Silva Gordo, fez brilhante carreira bancária, começando no Banco Francês-Italiano como empregado e galgando, depois, altos postos de direção nêsse e nos Banco do Estado, Banco do Brasil e Banco Comércio e Indústria de S. Paulo, servindo como Secretário da Fazenda do Estado de S. Paulo. Pais de (trisnetos):

1º Carolina Gordo, casada com José Barreto Dias, em 1937, pais de (quadrinetos):

José Barreto Dias Filho, casado com Stela B. Dias, pais de Stela B. Dias.

Roberto Barreto Dias, solteiro.

2° Cecília da Silva Gordo, casada com Carlos da Costa Pereira, pais de Carlos Eduardo da Costa Pereira.

3° José Adolpho da Silva Gordo, nascido em Santos a 21 de outubro de 1920, formado pela Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo, foi diretor do Banco Comércio e Indústria de S. Paulo e Secretário da Fazenda no Governo do dr. Adhemar de Barros. É atualmente presidente do Banco Português do Brasil. Casado com Maria Izabel de Toledo Piza, de tradicional família paulista, pais de:

José da Silva Gordo Neto, diretor do Banco Português, casado com Laura Carlotti, pais de (pentanetos) José da Silva Gordo e Patrícia Carlotti da Silva Gordo.

José Adolpho da Silva Gordo Filho, diretor do Banco Português do Brasil.

Antônio José da Silva Gordo, êsse vigoroso tronco de numerosas famílias paulistas, enviúva-se em 1851, de sua nobre espôsa Francisca de Assis Negreiros e não resiste à solidão do lar na Fazenda Bom Jardim. Fazendeiro rico, político de alto prestígio, coronel da Guarda Nacional, põe-se um dia a recordar os passos de sua vida. Lembra-se de Itú, do seu romance frustrado... Resolve ir visitar essa cidade e rever velhas amizades. Foi então que ficou conhecendo e sentiu estranha e forte simpatia por Ana Brandina de Barros, filha justamente de sua pretendida Maria Tereza e do seu antigo rival no amor — Major Joaquim Dias Ferraz — e neta do seu patrão de Itú, de trinta anos passados. Acertou as pancadas do seu velho mas vigoroso coração com as da jovem e bem dotada Ana Brandina. Regressou a Piracicaba exultante de alegria e, reunindo amigos, entre os quais o Barão de Serra Negra, disse-lhes com aquêles mesmo espírito folgazão de bom contador de anedotas: — “Vou casar-me de nôvo. Mas desta vez, nada de panela usada... por melhor que seja. Posso e quero saborear vinho virgem de Itú, em copo de cristal, com a feliz anuência de seus tradicionais produtores Caetano e Dias...”

Segundo consórcio

Dêste seu segundo consórcio deixou os seguintes filhos: 1° Maria Ignêz da Silva Gordo, casada a 18 de maio de 1866 com o dr. Manoel de Moraes Barros, nascido a 1.° de maio de 1836, advogado ilustre, depois deputado no Império, e senador da República, pai de brilhante prole. 2° Adelaide Benvinda Silva Gordo, casada, no mesmo dia do casamento anterior, com o dr. Prudente José de Moraes Barros, irmão do anterior, conceituado advogado em Piracicaba, deputado no Império, constituinte da República, Presidente da Assembléia Nacional e Presidente da República no quadriênio de 1894-98, pai do dr. Gustavo de Moraes Barros. 3°

Ana Elisa Silva Gordo, casada com Henrique Luiz Neto. 4.º Rita da Silva Gordo, casada com o Cel. Antônio Carlos Ferraz Sales, filho de João Campos Sales e de Jesuína Ferraz Sales, esta filha que fôra do Cap. Manoel Ferraz de Campos e enteada de A. J. da Silva Gordo. 5.º Adolfo Afonso da Silva Gordo, nascido em 1858, advogado e jurista de grande nomeada, foi Governador do Estado do Rio Grande do Norte, deputado federal constituinte, depois senador da República, provento colaborador na elaboração do Código Civil e do Código Comercial, representante do Brasil na Conferência Interparlamentar de Comércio de Roma, de 1925, e na de Paris, de 1928, e autor do projeto de lei regulador da liberdade de imprensa. Foi casado em primeiras núpcias com Ana Pereira de Campos Vergueiro, pais do dr. Nicolau Vergueiro Gordo, médico, casado com Lilly Vergueiro de Lorena, êstes, pais de Anita, casada com o dr. Benedito da Costa Neto — e de Adolfo Afonso da Silva Gordo Júnior. Viúvo, casou-se com Albertina Vieira de Carvalho, de que nasceram: dr. Alberto da Silva Gordo, casado e viúvo de Leonor Borges Vieira; dr. Alvaro da Silva Gordo, solteiro; dr. Paulo da Silva Gordo, médico, casado com Alice Vieira Marcondes; Carolina da Silva Gordo, solteira, também nossa preciosa informante, e Helena da Silva Gordo, casada com dr. João Guilherme de Oliveira Costa.

O velho Silva Gordo sofreu lá por 1860 um insulto apoplético, de que lhe resultou uma hemi-paralisia, que lhe impedia a marcha, com desembaraço, e de exercer pessoalmente suas atividades agrícolas e comerciais. Mas seu espírito nada sofrera, continuando vivaz e engraçadíssimo contador de anedotas e narrador minudente de episódios de sua vida. Resolveu então vender sua modelar *Fazenda Bom Jardim* a seu íntimo amigo Barão de Serra Negra. Mudara-se pouco antes para Santos, onde o clima lhe parecia favorável, instalando-se em bela casa situada numa elevação, no Saboó, na qual posteriormente foi instalado o Grupo Escolar "Martins Fontes". Residiu, por fim num estiloso sobrado revestido de azulejos da rua General Câmara, onde faleceu a 27 de novembro de 1868.

Foi sempre homem afável, comunicativo, bondoso e possuído de equilibrado espírito de justiça. No seu testamento não esqueceu ninguém, nem uma filha natural...

Contam os antigos que certo dia foi procurado em Piracicaba por dois jovens irmãos de talento e fina educação para ser o financiador de seus estudos, em São Paulo, durante o curso de direito. Prontamente aquiesceu. Cinco anos depois Piracicaba ganhava dois grandes advogados, aos quais estava reservada brilhante carreira política. Entretanto, uma sincera amizade prendeu ambos à família do velho protetor Silva Gordo. Certo dia o jornal da cidade fêz o seguinte registro social: "Seguiram

ontem para Santos os ilustres advogados irmãos drs. Prudente e Paulo de Moraes Barros, que foram pedir em casamento, ao sr. Antônio José da Silva Gordo, respectivamente suas filhas Adelaide e Maria Ignêz". E no dia 20 de agosto de 1868 realizaram-se, com excepcional brilho, essas núpcias, que inundaram de alegria o coração do velho Silva Gordo, cuja sobrevida foi apenas de 3 meses.

E assim, por esta forma ligeira, resumimos os episódios principais da vida do brotinho rebelde aos pais, que fugira de Portugal para o Brasil, dizendo de saída ao pai: — "Um dia te mostrarei quem eu sou!..." E cumpriu o prometido. Nos 52 anos que viveu ativa e integralmente na sociedade brasileira, tornou-se homem culto, operoso lavrador, cidadão progressista, político liberal, soldado a serviço da causa paulista de Tobias e Feijó, colaborador na fundação e organização administrativa de Limeira, homem de fortuna, honrado e bondoso, e tronco de vigorosa árvore genealógica paulista, cujos ramos se expandem frutuosa e ricamente, como pudemos evidenciar.

RETIFICAÇÕES

Este trabalho já estava impresso quando conseguimos localizar no Cartório do 3.º Ofício do Forum de Santos o Inventário do nosso biografado Antônio José da Silva Gordo. Após a leitura do seu testamento, feito pelo tabelião Francisco Antônio Ferreira, de Santos, em 25 de agosto de 1863, 5 anos antes de falecer, e assinado do próprio punho, sentimo-nos no dever de retificar algumas afirmações feitas com base em informes colhidos. Ei-las: 1 — Declarou inicialmente ter nascido em Valença do Minho, Portugal, e ser filho de d. Mariana Affonso, falecida, e de pai incógnito. 2 — Além dos 3 filhos da primeira esposa d. Francisca de Assis Leite Negreiros, e dos 6 do segundo consórcio cujo contrato, em 1845, foi com d. Ana Brandina de Barros, confessa ter tido uma filha natural Brandina (Maria da Conceição) com Maria, escrava africana de propriedade do seu amigo Luiz Manoel da Cunha Bastos, (sesmeiro e benemérito doador das terras para a fundação de Limeira) a qual estava casada com Manoel (Inocência de Andrade) pardo, os quais moravam em sua fazenda. Reconhecendo-a como filha, deu-lhe os direitos de herdeira em igualdade de condições com os demais.

CORRIGENDA

- Pág. 131, linha 6, leia: à sua mãe, em vez de: a seus pais.
 Pág. 131, linha 8, leia: a mãe, em vez de: o pai.
 Pág. 131, linha 10, leia: sua progenitora, portuguesa severa, em vez de: progenitor, português severo.
 Pág. 131, linha 11, leia: materna, em vez de: paterna.
 Pág. 133, linha 17, leia: sua mãe, em vez de: seu pai.
 Pág. 140, linha 17, leia: 1844, em vez de: 1851.
 Pág. 141, linha 13, leia: juiz, em vez de: médico.
 Pág. 142, linha 2, leia: Manoel de Moraes Barros, em vez de: Paulo.
 Pág. 142, linha 5, leia: as núpcias do dr. Prudente de Moraes Barros com d. Adelaide Benvinda Silva Gordo, em vez de: essas núpcias.

